

## A LEITURA DO CONTO “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”: UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Maria Eduarda de Lima Silva <sup>1</sup>  
Maria Regina Alves da Costa <sup>2</sup>  
Tânia Maria Augusto Pereira <sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho, embasado nos estudos discursivos foucaultianos, aborda as relações de poder na literatura utilizada no ensino médio, a partir da ótica da colonialidade dos saberes nesse campo de ensino. Com isso, problematizam-se questões do viés elitista-cultural da sociedade brasileira, claramente refletido nas manifestações artísticas-literárias. Objetivou-se questionar a grande preferência por autores pertencentes ao cânone literário para serem trabalhados em sala de aula, de forma a relacionar a escritora contemporânea Conceição Evaristo como um forte exemplo da marginalização de autorias que representam minorias, em detrimento do grupo literário privilegiado. Para tanto, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, a partir da utilização de autores como Foucault (1992) e Evaristo (2016), os quais norteiam discussões diretamente relacionadas aos sujeitos encontrados fora da ordem social prevista pelo sistema. Ademais, contemplamos as relações canônicas existentes na literatura, levando em consideração um fator contemporâneo: a decolonialidade na literatura.

**Palavras-chave:** Literatura; Conceição Evaristo; Relações de poder; Foucault.

### INTRODUÇÃO

Ao nos voltarmos para o contexto escolar do ensino médio, encontramos uma colonialidade na produção dos saberes no ensino de literatura. A colonialidade, fenômeno emergido, em essência, do processo constitutivo da América e da propagação capitalista, com centro na Europa, que possuiu como padrão de poder a distinção por raça (Quijano, 2005), pode ser veemente percebida na escolha dos autores para o trabalho com a literatura, uma vez que majoritariamente, os escolhidos são pertencentes ao cânone já instaurado.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português, no 8º período, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [eduardamflima@gmail.com](mailto:eduardamflima@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português, no 8º período, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [mregina.ac2001@gmail.com](mailto:mregina.ac2001@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora titular na Universidade Estadual da Paraíba, doutora em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [taniaaugusto@servidor.uepb.edu.br](mailto:taniaaugusto@servidor.uepb.edu.br).

Dessa forma, ao refletir a motivação que corrobora com a continuidade do trabalho pautado em uma literatura canônica - iniciada a partir da primeira metade do século XIX, ainda em vigor e defendida em livros didáticos -, percebe-se um vínculo com o elitismo cultural da sociedade brasileira.

No tocante à instauração e continuidade do trabalho com esse cânone, podemos trazer à tona a concepção foucaultiana acerca das relações de poder, de forma que, analisando o fator histórico que auxilia para a constituição de autores privilegiados, envolvemo-nos com aspectos do poder enquanto estabelecimento na relação entre indivíduos (Foucault, 1970).

Assim, é possível apontar a relação da instauração do cânone na escrita literária, em grande parte, a partir da dinâmica de constituição de sociedades elitizadas, uma vez que a leitura, e por conseguinte, a escolha dos autores em evidência, ao longo da história, foi privilégio dos detentores de poder aquisitivo.

Em face disso, torna-se possível a análise na perspectiva de Foucault (1970) sobre o poder enquanto produção por meio de discursividades, logo, por meio da linguagem e das sapiências criadas e compartilhadas socialmente. Nesse viés, apresenta-se como válido, analisar a importância da linguagem para a atividade humana a partir da atitude de trabalharmos a literatura embasada na diversidade de abordagens, que por sua vez, relacionam fatores como a diversidade de classe social, raças, crenças e outras particularidades.

## **2. Metodologia**

Metodologicamente, acolheu-se a pesquisa de cunho bibliográfico, a começar pela leitura de um conto de Evaristo (2016), inserido no livro “Olhos d’água”, com base em algumas discussões voltadas à colonialidade no ensino da literatura. Após isso, foi estabelecida uma ponte entre a escolha de autorias canônicas para o trabalho em sala de aula e as relações de poder pautadas em ideais foucaultianos.

## **3. A escrita de Conceição e a literatura considerada menor**

Conceição Evaristo possui uma escrita marcada, sobretudo, por questões raciais, de marginalidade e violência, a partir da representação da realidade da própria autora; uma escrita nascida no seu próprio cotidiano: a escrevivência. Nesse sentido, notamos uma literatura que retrata condições sobre a pobreza, desigualdade social e questões sobre gênero e maternidade.

Ao pensarmos na escrita da autora Conceição Evaristo, torna-se imprescindível voltarmos para a questão da literatura menor, logo, a construção da consciência de minoria nas produções literárias e o desvio do padrão já concebido. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975), a problemática da literatura menor relaciona-se, estreitamente, à ideia de “desterritorialização”, uma vez que, em função da língua e do espaço, há a adulteração cultural, obra por grupos ou subgrupos, em suas vertentes raciais, culturais ou étnicas, que se encontram submetidos a um processo de marginalização, em um certo momento da história.

Somado a isso, ao analisarmos o livro *Olhos d'água*, por Evaristo (2016), são apresentados contos que trazem à tona questões de fome, pobreza, e as relações de desigualdade social, como o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Este conto constitui uma obra considerada menor porque, do ponto de vista do reconhecimento social, aborda aspectos de grupos marginalizados, logo, remete-se a critérios valorativos com relação ao que normalmente é considerado bom e relevante com relação às obras, gêneros e autores na sociedade.

Assim sendo, pensa-se na bagagem da literatura da citada obra de Evaristo como algo inferior: a denominada “literatura menor”, de forma que representa a face da sociedade desprivilegiada, as pessoas pobres e de cor preta, o que constitui uma espécie de obra subestimada pelos discursos oficiais na sociedade, os quais enaltecem as relações sociais estabelecidas a partir da detenção de poder do sujeito branco e pertencente à classe dominante.

Nesse ensejo, analisando o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” (2016), percebe-se a ideia de literatura menor ao haver uma abertura para o novo e esse novo não ser dotado de habilidades projetadas ou canonizadas. Há, portanto, uma ausência de talentos e qualquer aspecto projetado pelo âmbito canônico de produção artística, principalmente porque se pensarmos na intenção da autora ao produzir o conto em questão, não se enxerga a necessidade de exalar beleza - como em produções literárias pertencentes a outros estilos e autores, sobretudo, em outras épocas- mas, sim, através de uma linguagem poética, denunciar uma realidade dura e fatal.

#### **4. Educação, Poder e Decolonialidade**

Através das pautas levantadas durante o ensino de línguas, em épocas passadas, podemos notar que os discentes são preparados para corroborar com as ideias de “corpos dóceis” que Foucault (1984) propõe. Dessa forma, ao sugerirmos uma perspectiva de uma literatura que permite a visualização dos seres e suas vivências através das suas tragédias sem romantização e com a possibilidade de compreensão crítica, quebramos com as noções

coloniais propostas, que levam os sujeitos para a constituição de uma consciência amena das condições sociais.

Nesse sentido, o poder imposto dentro do cânone literário, mesmo que repassado inconscientemente no ensino, nos apresenta uma fração do poder instaurado nas relações escolares. Dito isto, percebemos modificações nas épocas e formação dos professores, mas em sua maioria, não notamos a vistoria dos textos usados para trabalhar algumas temáticas, o que implica no conhecimento sendo transmitido sob um único viés, o hierárquico que o cânone participa.

A partir da continuidade do trabalho em sala de aula pautado no cânone de produções literárias, seja a partir dos materiais impostos pelos livros didáticos ou por escolhas mais direcionadas de iniciativas dos próprios agentes escolares na organização curricular e pedagógica das escolas, inserimo-nos em um contexto iniciado pelo fator cultura, viabilizador do enaltecimento do homem branco, sujeito perpassado por seus vestígios colonizadores e dominadores sobre um dado povo, em sua totalidade, negros. Assim, é válido salientar que:

Era característico do colonialismo que as potências conquistadoras vissem os povos colonizados como pessoas sem a menor relação com eles mesmos. O pressuposto dos colonizadores era o de que os colonizados eram diferentes física e culturalmente que não tinham nada em comum com eles: os colonizados eram os Outros. Crenças racistas foram evocadas para justificar uma ampla exploração - nativos faziam parte de uma espécie sub-humana e não podiam almejar serem tratados como de forma semelhante a seus senhores (Cashmore, 2000, p. 131).

Diante disso, ao vivenciarmos o cenário de permanência de obras e autores consagrados pela literatura nacional, trabalhados em sala de aula, inferimos fortes indícios de supremacia cultural, acompanhada de sua grande contribuição para o apagamento de determinadas produções reveladoras de opressões, sobretudo, sofridas por sujeitos negros e socialmente vulneráveis, e, portanto, marginalizadas no prestígio literário coletivo.

Por outro lado, ao pensarmos o cenário brasileiro de literatura negra dos anos 1970 – maturada em um contexto de grande movimentação cultural e política- percebe-se a iniciação da ideia de produções que trazem à tona questões alusivas aos indivíduos de cor preta, afetados, historicamente, por questões de racismo e estigmas, a partir de vozes ideologicamente decoloniais, auxiliares na construção do ideal antirracista. Assim, abordar, através da literatura, as vivências de específicos grupos subalternizados não significa reduzi-los a tal condição, mas sim, atribuir um espaço de fala e discussão acerca das opressões e problemáticas que lhes

cercam, fator impraticável em outros momentos da história das produções literárias. Diante dessa temática, Conceição Evaristo afirma:

Precisamos mostrar as nossas narrativas, temos que disputar. E eu preciso falar que os meus primeiros leitores foram pessoas do movimento social negro. Cada leitor e cada leitora levava pra sala de aula, pra academia. Então hoje, se eu chego nesse espaço da Ocupação [Itaú], é um espaço que foi construído a partir da leitura dos meus pares. Eu cheguei onde cheguei hoje por conta desse nosso trabalho de formiguinha que a gente sabe fazer muito bem. Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. Porque todo nosso processo pra eu chegar aqui, foi preciso colocar o bloco na rua e esse bloco a gente não põe sozinha (Evaristo, 2017)

O ensino de língua, nesse sentido, precisa transpassar as questões meramente linguísticas e apresentar aos estudantes as diferentes maneiras que os textos podem colaborar com os estigmas difundidos para o controle social, uma vez que é de suma importância, através das linguagens, instigar análises acerca do poder, os cenários nos quais outros sujeitos estão inseridos e a historicidade demarcada em espaços diferentes.

## **5. A vida dos homens infames e sua relação em Conceição Evaristo**

Embora Conceição Evaristo e Michel Foucault enquadrem-se em áreas de estudos distintas, ambos os autores permitem o estabelecimento de diálogos em suas produções, pois, ao pensarmos na discussão foucaultiana das relações de poder estabelecidas na sociedade, podemos encontrá-las nas obras de Conceição Evaristo, uma vez que nelas há fortes indícios de questões alusivas às dinâmicas de poder e controle da sociedade.

No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” (2016), entre as personagens principais, têm-se mulheres e crianças pretas, tais como a menina Zaíta. O fator da cor das personagens é estabelecido de forma a denunciar o sofrimento histórico vivenciado por essas pessoas. Nessa ótica, Evaristo (2016) consegue reunir, de maneira singular, problemáticas sociais que despertam a percepção do leitor acerca da realidade vivida por muitos sujeitos fora da ordem social vigente. Constitui, portanto, um forte indício da representação do racismo e da violência urbana para com moradores das comunidades descentralizadas.

Em Foucault (2006), aquilo que o filósofo considera como "cidadãos infames" pode ser percebido em "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", uma vez que o enredo consiste na vida cotidiana e árdua de uma mãe e seus quatro filhos: duas crianças gêmeas: Naíta e Zaíta, e dois irmãos mais velhos, que buscam carreiras distintas, mas buscando apenas uma possibilidade, a melhoria de vida e o possível de sustento para a família, porém, um desses irmãos mostra-se envolvido com práticas ilegais.

Dessa maneira, Foucault (2006) aponta que os "homens infames" são indivíduos marginalizados, que estão sem notoriedade no parâmetro social, assim, percebe-se reflexos desses sujeitos ditos infames nas personagens do conto de Evaristo (2016), uma vez que são trazidos sujeitos obscuros, fadados à uma existência que não deixasse rastros. Diante disso, ao pensarmos na representatividade das personagens que compõem a narrativa citada, nos direcionamos à ideia de sujeitos marginalizados em detrimento do local em que residem e do que deles se considera enquanto cidadãos dignos, ou não, diante de suas práticas. Ao abordarmos Foucault (2006), nesse contexto, nos percebemos diante de histórias não dignas de serem contadas, uma vez que não se remetem a indivíduos portadores de grandezas ou prestígios concebidos na e pela sociedade.

Sob essa ótica, o sujeito infame assume uma posição contrária dentro da literatura, uma vez que a vida dos homens infames passa para a história, Foucault (2006, p. 222) aponta: "nem 'quase' nem 'subliteratura', não é sequer o esboço de um gênero; é, na desordem, no barulho e na dor, o trabalho do poder sobre as vidas, e o discurso que dele nasce". Nessa perspectiva, percebe-se que a trama que envolve as personagens é o reflexo de uma marginalização, isto é, são sujeitos retratados na literatura que, costumeiramente, são despercebidos fora da ficção. As cenas subsequentes do conto retratam uma infância roubada pelos deveres adultos, pelas preocupações e anseios que passam da mãe para seus filhos, embora a estória esteja presente na ficção, fora dela acontecimentos como estes marcam gerações.

O conto reflete sobre as questões de desigualdade presentes na sociedade, com um enfoque nos âmbitos marginalizados, como as favelas, uma vez que a violência presente dentro deste ambiente gera um impacto negativo, no que diz respeito principalmente, às vivências infantis. Podemos perceber essa questão na literatura de Evaristo, por serem trazidas à tona a precoce interrupção da vida pelas relações caóticas entre policiais e bandidos. Assim, notamos que nas favelas, as pessoas negras, constantemente, têm suas vidas interrompidas, devido ao contato com a violência escancarada, como no caso da personagem Zaíta, a qual foi marcada pela interrupção forçada pelas barbáries postas em seu caminho. Evaristo descreve com detalhes como aconteceu:

Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contedores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, no chão. (Evaristo, 2016, p.48).

Nessa perspectiva, nota-se o relato de uma vida, de fato, infame, marcada pela marginalidade e esquecimento por parte das demais castas sociais. O recurso poético não mascara a dor, o desespero e as trágicas relações traçadas devido às desigualdades sociais. Além disso, fica perceptível que se encontram nessas favelas sujeitos “destinados a não deixarem rastros” e, assim, passarem despercebidas pela humanidade, por isso, não são famosos e “não compõe com nenhuma espécie de glória” (Foucault, 2006, p. 210).

Com isso, fica notório que Evaristo (2016) retrata o que outras literaturas não retratam, uma escrita que não embeleza o sujeito, mas sim, desmascara as situações vividas pelos homens infames. Ademais, a própria autora atribui a si mesma a característica de inserção na “Literatura afro-brasileira” - um forte exemplo da literatura ainda tida à margem dos estudos literários- e afirma sua experiência de escrita advinda dos vestígios do discurso literário brasileiro pautado na valorização do embranquecimento. Nesse viés, a autora cita a autenticidade e originalidade de suas produções, fator que pode ser percebido em:

E, nesse sentido, afirmo que, quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu sujeito a criar um texto e que não me desvinculo de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá, etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível. (Evaristo, 2011, p. 115).

Para além disso, torna-se válido salientar o abismo existente entre o ensino da literatura canônica e as movimentações literárias contemporâneas, uma vez que as novas produções fazem uso dos sujeitos fora da ordem, não para comediá-los, mas sim, para, entre outros aspectos, evidenciar os vários fatores que colaboram para permanência em estado subalterno desses cidadãos.

Avaliar as circunstâncias dessas inovações textuais, como visto no conto de Evaristo (2016), nos permite refletir sobre as possíveis abordagens literárias em sala de aula, as quais provocam inquietações de como a literatura canônica é superestimada e difundida, às vezes, também compreendida como inquestionável. No entanto, é pertinente que sejam observados os novos membros que fazem uso do recurso da linguagem e os campos por eles adentrados, para assim, depreender tamanha diversidade literária sem a precisão de excluir textos ou autores, mas que a literatura possa então, assumir uma postura de exploração para os vários cenários sociais e políticos existentes.

## **5. Discussão e resultados**

O trabalho com a literatura na escola demanda um olhar atento, uma vez que constitui um campo propício de discussão de questões sociais consideravelmente pertinentes, como a desigualdade social, atravessada pelas questões de estigmas de classe e cor, sobretudo. Nesse sentido, Evaristo (2016), ao construir uma narrativa de denúncia da realidade sofrida por muitos brasileiros, pretos, favelados e pobres, faz surgir uma grande oportunidade de dar voz a estas minorias evidenciadas.

Para tanto, uma vez alcançada uma maior representatividade literária, torna-se maior a contribuição para a expansão do trabalho com a literatura em sala de aula, a partir de uma ótica decolonial de ensino aprendizagem, em face da grande capacidade possuída pela literatura contemporânea para o debate sobre algumas questões alusivas às dinâmicas sociais modernas e suas relações de poder.

## **6. Considerações finais**

A temática trazida pelo conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” pode ser direcionada diretamente ao que Foucault (2006) problematiza a respeito das vivências dos sujeitos infames que perdura nos dias hodiernos, a partir do direcionamento do conto àquelas inviabilizadas, não pertencentes à centralidade socioeconômica, e continuamente esquecidas, e que, dentro da literatura de Evaristo (2016), tornam-se protagonistas de suas histórias, além de reafirmar a forte presença de sujeitos omitidos e silenciados historicamente.

O conto traz à tona as relações de poder existentes na sociedade brasileira, de forma a revelar a situação das pessoas pretas e pobres, que são amedrontadas e rigorosamente esquecidas pela ordem vigente no âmbito elitizado. Assim, tem-se uma narrativa que aponta

tamanha vulnerabilidade, através do olhar de uma criança, a personagem protagonista, o qual encaminha o leitor ao entendimento das violências físicas, morais e psicológicas que os sujeitos infames estão vulneráveis a serem submetidos. Dessa forma, os alunos concebem novas possibilidades de leituras e entendimentos acerca dos aspectos sociais que permeiam a realidade cada vez mais divulgada, através da linguagem realista, apesar de poética, a qual o conto traduz.

Em suma, a literatura produzida por Conceição Evaristo dialoga com os pensamentos foucaultianos, pois possibilita uma visão sob a perspectiva social, política e cultural que permanece em vigência, uma vez que seus protagonistas são indivíduos que penetram numa classe abastada da sociedade, dentro e fora da ficção. Além disso, Foucault (2006) faz observações acerca de uma população que está fora dos parâmetros elitistas difundidos, a qual revela ópticas que não estamos acostumados, uma vez que percebemos a sociedade brasileira evidenciada de forma realista, em face das principais problemáticas que assolam grande parcela de indivíduos.

Por fim, a abordagem foucaultiana, atrelada ao conto analisado, possibilita uma observação desvinculada dos padrões romantizados, no que concerne às vivências das classes de indivíduos retratados, e abre margens para [re]pensar o desprendimento da educação institucionalizada, veemente presente nos âmbitos escolares brasileiros. Isto é, este trabalho colabora com a descentralização instaurada pelo cânone de produções literárias, por intermédio do ensino de língua.

## Referências

**ARAÚJO**, Eliane. **Becos da memória, de Conceição Evaristo**: Uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil. *Letras e Ideias*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 13-29, jan./jun. 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/HP/Downloads/hermanorg-01-art01-araujo-p13-29%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/hermanorg-01-art01-araujo-p13-29%20(5).pdf)

**ARAÚJO**, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face**: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. 2007.

**CASHMORE**, Ellis et al. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000. p.131.

**ELEUZE**, Gilles & **GUAT TAR I**, Félix. **Kafka, pour une littérature mineure**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.

**EVARISTO**, Conceição. **Olhos d'água** / Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.



**EVARISTO**, Conceição. “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. **Carta capital**: maio 2017. Entrevista concedida à Djamila Ribeiro. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

**FOUCAULT**, Michel. **A vida dos homens infames**. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) *Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; IV) p. 203-222.

**FOUCAULT**, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

**QUIJANO**, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. In. LANDER, Edgardo (Coord.). **A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais**. Perspectiva latinas americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.